

## Polidez em Revista

Carolina Scali Abritta

Victoria Wilson

Editoras do Dossiê

Há mais de trinta anos, surgia dentro dos estudos da linguagem um trabalho seminal sobre polidez. Era o famoso escrito de autoria de Brown e Levinson (1978), cuja proposta foi lançar um modelo universal que desse conta das estratégias de polidez usadas nas relações inter-humanas.

O trabalho não era o primeiro a tratar do fato de que a linguagem, muito além do domínio informacional, tem também um componente relacional, o que é confirmado pela nossa entrevistada – Profa. Sonia Bittencourt Silveira, nesta edição. Então, o que impressiona na teoria Brown e Levinson? Além de sua capacidade didática de apresentação do tema e seu corpo teórico bem fundamentado, a sua influência na área é gritante. Dificilmente se encontra um trabalho que não os cite. Basta dar uma busca no Google para verificar esse fato.

No cenário atual, ao lado do tema da polidez, a questão do uso da impolidez e até mesmo da rudeza vêm ganhando força teórica e analítica. Além disso, os estudos têm cada vez mais destacado a importância do desenvolvimento de pesquisas discursivas contextualmente embasadas, colocando em relevo o papel fundamental do ouvinte na definição, sempre local, do que seria polido/impolido. Por fim, cumpre dizer que são variados os ramos da Linguística que abordam o tema. A pragmática, a Sociolinguística Interacional e até mesmo as análises do discurso de linha francesa, são algumas das áreas que desenvolvem pesquisas acerca da polidez e da impolidez.

A edição atual da revista *Soletras* procurou abrir espaço para que todas essas linhas de análise pudessem aparecer e dar destaque ao tema, cuja importância parece inegável não só para o desenvolvimento teórico da área, mas também e fundamentalmente para ampliar o entendimento sobre como as relações humanas se (des) constroem.

Nosso ponto de partida foi uma conversa com a linguista Sonia Bittencourt Silveira, professora aposentada do PPG da Universidade Federal de Juiz de Fora. Ela dedicou boa parte de sua carreira acadêmica aos estudos sobre polidez e a um tema correlacionado – a construção de face. Na entrevista que nos foi concedida, a pesquisadora nos dá um panorama geral da área, destacando inclusive a ampliação do campo de estudos da polidez com a

incorporação emancipadora do tema da impolidez. Finaliza a sua fala revelando a importância do tema para pesquisas aplicadas ao ensino.

Os artigos que se seguem à entrevista correspondem predominantemente ao dossiê, seguindo-se a eles uma série de outros relativos a temas ligados ao ensino e à literatura, inseridos em outra seção. Abre o dossiê o artigo “Verbos modais como estratégia linguístico-discursiva de polidez linguística e preservação de faces nas interações médico-médico e médico-paciente da série *House*” de Larisse Carvalho de Oliveira, Tiago Alves Nunes e Jorge Luis Queiroz Carvalhos. Nesse artigo, os autores tratam da polidez linguística e dos processos de elaboração de face, com base nos clássicos Brown & Levinson (1987) e Goffman (1967), além de outros teóricos. Analisam a interação médico-médico e médico-paciente vivida pelos personagens da famosa série de TV *House*. Os resultados apontaram para a produtividade, na língua inglesa, dos verbos modais, em especial os deônticos, em interações do tipo em que pesam o grau de responsabilidade entre as partes envolvidas (e sua atenuação), as relações de hierarquia e poder e os atos de ameaça à face. Nesse caso, a modalização, como marcador linguístico-discursivo, desempenhou a função pragmática associada à preservação ou à ameaça às faces dos participantes.

O segundo artigo de Nilva Maria Pereira e Ester Maria de Figueiredo Souza, intitulado “Estratégias de cortesia na interação de professora e alunos numa classe de língua portuguesa”, focaliza as estratégias de cortesia na interação professor-aluno, em aulas de língua portuguesa, com base nos estudos de Kerbrat-Orecchioni e em conceitos bakhtinianos como o de réplica. No caso da aula analisada, as autoras atribuíram a forte presença de estratégias de cortesia utilizadas pela professora ao tipo de aula (expositiva) e às relações de hierarquia/status social do locutor como forma de minimizar tais relações no ambiente da sala de aula, no momento da interação professor-aluno. Também concluíram com o estudo que as estratégias de cortesia variam conforme o contexto e os grupos culturais e que podem ser ensinadas na escola sob a perspectiva discursiva e pragmática da língua.

Josilene de Jesus Mendonça e Raquel Meister Ko. Freitag, no artigo “Primeira pessoa do plural com referência genérica e a polidez linguística”, exploram a indeterminação do sujeito, associando-a ao comportamento polido em termos linguísticos. A análise de fenômenos variáveis, em perspectiva microetnográfica, possibilitou, segundo as autoras, uma visão mais ampliada dos bancos de dados trabalhados. Foram controladas as seguintes variáveis pragmáticas, considerando-se as interações sociais: distância social, relações de poder e grau do custo da imposição. Na análise dos falares sergipanos, foi encontrada a

evidência de que a forma “a gente” foi a mais frequente em interações com menor grau de familiaridade entre os interlocutores, em relação à sua variante “nós”. Esses dados confirmam a hipótese das autoras de que a forma “a gente” apresenta maior incidência de uso como recurso de indeterminação do sujeito em situações em que o falante não tem o domínio do tópico conversacional, mesmo em contextos mais polidos e com alto grau de imposição. As formas de 1ª pessoa do plural com referência genérica exercem também um papel discursivo importante como recurso de polidez na manutenção do equilíbrio das relações humanas.

Já o fenômeno da impolidez é explicitado por Marcos Roberto dos Santos Amaral, em seu artigo “A impolidez como princípio constitutivo dos jogos de linguagem: o sentido parcial e violentamente com-partilhado”. Sua pesquisa problematiza o princípio de cooperação griceano, voltado para a construção ideal (izada) das relações humanas que seriam pautadas pelo equilíbrio e harmonia, para desconstruir a ideia de simetria das relações de poder que configuram tais relações. O autor explora diferentes correntes teóricas, na análise *online* de um blog e um comentador e toda a polêmica gerada a respeito do uso de uma expressão impolida atribuída ao ex-presidente Lula. Ao fim ao cabo, os resultados da análise apontam para a produtividade da impolidez como um fenômeno recorrente nas interações verbais, revisando, científica e ideologicamente, os princípios cooperativos considerados basilares e constitutivos das interações sociais humanas. Segundo o autor, “(...) revisar princípios tradicionais ideológicos linguísticos como os semântico-formais no corpo do princípio da cooperação é passo essencial da consolidação do caráter político dos estudos críticos da linguagem”.

Na linha da descortesia, Ione Vier Dalinghaus, analisa, à luz da semiótica francesa, a força da persuasão em um debate político televisivo em “Estudo da descortesia como estratégia de persuasão em um debate político entre José Serra e Fernando Haddad”. No debate em análise, a provocação foi o recurso de manipulação mais empregado pelos candidatos, na tentativa de “derrubar” o adversário, colocando-se em risco as suas respectivas imagens sociais públicas. Os candidatos políticos, nos debates, não hesitam em expressar a descortesia (que pode aparecer dissimulada ou não) quando buscam a autovalorização, pois os efeitos de sentido estão voltados para a desvalorização ou desconstrução da imagem do destinatário e, tem por consequência, o enaltecimento da imagem positiva do locutor, conforme argumenta o autor. Portanto, “o êxito ou o fracasso dos candidatos dependem de como é articulada essa manipulação”. Por fim, os resultados dão destaque para a função discursiva da provocação como estratégia discursiva de manipulação e persuasão dos políticos

em que o fenômeno da descortesia não só cumpre importante função no debate político como contribui para o fortalecimento de um novo campo de estudos no quadro da teoria geral do discurso, especialmente na Semiótica Discursiva da Linha Francesa.

Na seção Vária, encontram-se os demais artigos subdivididos em temas ligados ao ensino ou a tópicos dedicados aos estudos literários.

Assim, no artigo de Bruno Defilippo Horta e Priscila Fernandes Sant’Anna, intitulado “A importância do moderador para a educação da oralidade: uma proposta de sequência didática com o gênero debate público regrado”, os autores se alinham aos estudos da interação e aos trabalhos dos gêneros baseados em Marcuschi e nas sequências didáticas de Dolz e Scheneuwly. Defendem que o debate público em sala de aula é um gênero propício ao trabalho com a oralidade para o “aperfeiçoamento das competências sócio-comunicativas” do aluno, em contexto formal de uso da língua, adquirindo valor fundamental quando se instala a figura do moderador para atuar em situações de conflito. Nesse caso, a contribuição teórica desse estudo reside não só no trabalho com os gêneros e as sequências didáticas, mas com a oralidade e a gerência do comportamento e das atitudes dos alunos em situações desfavoráveis.

Em “Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC): crianças surdas aprendendo a escrever em Língua Portuguesa”, Anatália DeJane Silva de Oliveira, Andréa Direne da Matta Castro e Eliata Silva Barros fazem um relato de experiência com base em uma atividade de ensino de língua portuguesa com 30 crianças surdas de uma escola pública para trabalhar o emprego de artigos, elos coesivos e preposições na produção textual escrita dessas crianças com a utilização de recursos midiáticos cuja culminância foi a produção de um livro de histórias.

Osiel Costa Oliveira, em “O ensino de vocabulário em língua inglesa no livro didático “WAY to GO!”, propõe atividades didáticas para o ensino do vocabulário mediadas pelo trabalho com os gêneros textuais, associadas a atividades de compreensão oral e escrita devidamente contextualizadas em uma turma do Ensino Médio de uma escola pública. O autor explora o campo da teoria lexical e argumenta sobre a importância da aquisição e ampliação do vocabulário em língua inglesa.

Já é tradição de nossa revista tratar a linguagem com um fenômeno multifacetado e, por isso mesmo, não distinguir de maneira estanque estudos de língua/linguagem daqueles de literatura. A proposta não é construir muros, mas pontes de conhecimento entre conhecimentos. Assim, Renata Quintela Oliveira, no artigo “O afastamento do humano:

isolamento, imobilidade e a relação homem-máquina. Uma leitura de *A Máquina de Joseph Walser*”, propõe-se a estabelecer um diálogo entre as reflexões da filósofa Hanah Arendt e a obra literária de Walser. Em sua análise, mostra como o autor constrói a desumanização de um personagem através da maneira com que se dá a sua relação com a máquina. Uma relação que beira o autoritarismo próprio de regimes totalitários. Em “Os tempos das piracemas: diálogo entre Ecocrítica e Pós-Colonialismo”, Francisco Neto Pereira Pinto e Hilda Gomes Dutra Magalhães estabelecem uma análise do descompasso temporal entre a obra literária em questão e a legislação ambiental pertinente. Por fim, “Imaginário da literatura, o ‘bem-amado’ migrante”, Felipe Freitag coloca em discussão a questão da existência de uma só cultura ou de culturas a partir da análise de uma telenovela brasileira.

Esperamos que as discussões e diálogos aqui propostos possam levar a um entendimento cada vez mais profundo acerca das bases sobre as quais se constroem as relações humanas nos mais diversos contextos em que se manifestam.